

INSTRUÇÃO OPERÁRIA EM PARNAÍBA ATRAVÉS DO JORNAL O ARTISTA (1919-1922)

ALEXANDRE WELLINGTON DOS SANTOS SILVA

Discente de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI.
Bolsista de iniciação científica do PIBIC/UESPI. Email: alx.soand@hotmail.com.

Introdução

Dentre as boas couzas, que a movel associação dos Artistas de Parnahyba, tem feito, avulta pela sua existência, a criação de escolas.¹

Discorrer acerca do movimento operário parnaibano é adentrar um mundo de possibilidades pouco explorado até a atualidade. As dificuldades no percurso impelem o pesquisador a concluir a quase inexistência de trabalhadores na cidade, dando ênfase geralmente aos políticos, investidores, e outros abastados. Diante do dilema, uma verdadeira cratera histórica se forma: Como se mantinha um dos principais entrepostos comerciais do Norte-Nordeste em relação à mão-de-obra? Onde se localizam os que produziram, através de sua força de trabalho, exuberantes palacetes, os que carregavam e descarregavam mercadorias de importação e exportação, que garantiram à Parnaíba destaque significativo na economia nacional? Estes são citados como números, estatísticas, porcentagens. É diante desta produção histórica que o trabalho vem se contrapor, e desta forma abandonar os nomes que posteriormente se imortalizaram em ruas, avenidas, escolas e monumentos históricos, e procurar, dentro das fontes disponíveis, possibilitar o movimento operário parnaibano emergir dentro da realidade vivida em Parnaíba.

A construção do trabalho permeia o âmbito da pesquisa bibliográfica como aporte teórico e metodológico, assim como utiliza

¹ M. ESCOLAS. In.: Jornal O Artista – OrgamOfficial da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba. Ano 1, N° 2. 7 de Setembro de 1919, p.01.

o periódico parnaibano “O Artista” como fonte primária, e o recorte temporal situa-se no período conhecido pela historiografia como República Velha, que vai dos anos de 1889 até meados de 1930, mais necessariamente entre os anos de 1919 e 1922. Isto ocorre por conta da única fonte encontrada para demonstrar uma realidade vinda dos operários parnaibanos até o momento, é o Jornal O Artista, cujas edições iniciam em 1919 se estendendo até o ano de 1922², e que registra a sociabilidade dos trabalhadores em todas as suas esferas, constituindo assim uma cultura operária, que segundo Batalha (2000, p. 63) é “a cultura militante produzida pelas sociedades operárias e pelas correntes políticas”, e que vai mais além de panfletos propagandísticos e periódicos produzidos pelas organizações operárias, mas as festas e comemorações dos trabalhadores, no momento em que estas “desenvolveram todo um calendário de celebrações e solenidades, que se tornou elemento essencial da cultura militante”³. Todo este universo de possibilidades se percebe no Jornal O Artista, Órgão oficial da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba.

Movimento Operário em Parnaíba-Piauí

Ao passo em que em outras cidades do país o operariado migra das formas de socorro-mútuo para organismos de resistência direta, os trabalhadores parnaibanos começavam a organizarem-se em associações mutualistas. Estas, para Rodrigues (2009, p. 16) são “um corpo sem ideias, sem vida própria”, e que Batalha (2000, p.15) dispõe de análise mais profunda desta metodologia organizacional, quando discorre que estas eram “(...) tanto o meio para exercer solidariedade (através de auxílios para membros em caso de

² Foram encontradas as edições as edições de número I, II, III, IV, V, VI, e XI, entre os anos de 1919 e 1922, embora existam documentos que demonstram a existência da organização pelo menos até o ano de 1931.

³ BATALHA, 2000. p. 55.

doença, incapacitação para o trabalho, desemprego, funeral, etc.) como para zelar pelos interesses de seu ofício”. As agremiações de socorro-mútuo não possuíam caráter combativo, como se constituiriam posteriormente os sindicatos, mas cumpriam o dever de serem as primeiras associações a refletir e dialogar sobre a temática do operariado com os próprios trabalhadores, possibilitando assim seu avanço nas questões sociais.

Nestas organizações, é perceptível o debate acirrado de ideias e ideologias. Este perfil das agremiações operárias piauienses é traçado na obra de Hardman & Leonardi (1982, p. 242), considerando que “a fraqueza do proletariado em certas regiões pode ser ainda bem mais observada no caso do Piauí, que expressa bem o caráter heterogêneo do movimento operário”.

O Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, popularmente conhecido como Almanack Laemmert dá conta de quatro associações proletárias em 1921: Protectora Parnahybana, Benemerita Artística Operaria, Sociedade União dos Estivadores, e União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba⁴. Por seus nomes, é bem possível que todas elas acompanhassem a forma de organização operária dentro das concepções de socorros-mútuos, mas que pouco se sabe delas, excetuando a “União Progressista”, por conta de seu próprio periódico, o jornal O Artista.

Instrução Operária através do jornal O Artista

Em 19 de Agosto de 1919 “um punhado de humildes operários⁵” lança mão de um instrumento de propaganda: Nascia assim O Artista, *Orgam Oficial da Sociedade União dos Artistas Mechanicos e*

⁴ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro de 1921. p. 3910.

⁵ MERCÚRIO. Agosto de 1919. In.: Jornal O Artista – Orgam Oficial da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba. Ano I, Nº 1, 19 de agosto de 1919. p.01.

Liberaes de Parnahyba. O periódico possuía em suas páginas as mesmas características dos jornais operários da época: Poucas folhas impressas, geralmente em quatro; datas de lançamento de edição em datas variadas; e principalmente, abordava assuntos relativos aos interesses dos trabalhadores, feitos pelos próprios trabalhadores.

Nas suas bases para fundação, destaca-se a proposição de “Ter um *orgam* da imprensa para a propaganda e defesa da Sociedade União Progressista e da Classe artistica em geral⁶”, demonstrando a preocupação em dar visibilidade à organização e registrar em um periódico as ocorrências e ações externas da União Progressista. Por ele, é possível entrever discussões internas da organização, assim como vislumbrar toda uma sociedade parnaibana dificilmente encontrada nas produções que abarcam o recorte temporal.

Segundo o Almanaque Laemmert, só em Parnaíba, no ano de 1919, haviam “duas escolas estadoaes e treze municipaes⁷”. Em números, pode parecer significativo para a época (e para o Estado do Piauí), mas se considerarmos a população de cerca de 21.000 habitantes⁸, o fracasso foi quase que completo. Queiroz (1994, p. 57) aponta esta realidade quando declara que

(...) o crescimento do número de escolas e do número de alunos articulados sequer acompanhou o crescimento da população escolarizável. Dessa forma, o Piauí continuou, como fora no Império, um dos estados em que o número de analfabetos guardava maior proporção relativa à população total.

Diante desta situação, onde o Estado não consegue suprir a demanda de instrução na cidade de Parnaíba, surgem outras for-

⁶ Baze para sua fundação. In.: Jornal O Artista – Orgam Oficial da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano. I, Nº 01. 19 de Agosto de 1919. p. 01.

⁷ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro: Indicador para o ano de 1919. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1919. p. 3540.

⁸ Idem.

mas de educação, como o ensino particular. Mendes (2007, p.70) discorre sobre este período afirmando que

(...), as iniciativas particulares foram as que figuraram como responsáveis por algum desenvolvimento do ensino. As atividades de ensino em Parnaíba, durante a Primeira república, (...) eram todas desenvolvidas nas residências dos professores, (...), mantidos pelas mensalidades dos alunos.

O ensino particular supria a necessidade das famílias que, não tendo condições de enviar seus filhos para outros centros urbanos, possuíam capital suficiente para pagar o soldo de instrutores particulares. Diante desta realidade, mais uma vez o operário se via esmagado pela dupla força reconhecida na ineficiência do Estado e nas mazelas do sistema econômico capitalista; não tendo a possibilidade de colocar sua prole no ensino público, uma vez que este não disponibilizava vagas suficientes em suas escolas, nem dinheiro para contratar professores particulares, era empurrado para o analfabetismo, crescente no Estado, e só poderia contar com a auto-organização de espaços destinados à instrução deles e de seus filhos.

Bakunin (2013, s/p.), ao tratar das questões de instrução, acreditava que esta era um dos principais motivos para que a sociedade fosse estratificada a partir de classes, onde uma parte da população usufruía de direitos e poderio econômico, político e social em detrimento de outra que pouco teria a não ser sua força de trabalho. Em seu texto intitulado “A Instrução Integral”, questiona:

Poderá ser completa a emancipação das massas operárias enquanto recebem uma instrução inferior à dos burgueses ou enquanto haja, em geral, uma classe qualquer, numerosa ou não, mas que por nascimento tenha os privilégios de uma educação superior e mais completa?

No texto, o autor reconhece que se um indivíduo possuir a capacidade de conceber determinadas situações em detrimento de

outros que não adquiriram tal capacidade, o primeiro subjugará o segundo. Desta forma propõe Bakunin (2013, s/p) ensino equivalente ao oferecido aos filhos dos burgueses, porém, esta qualidade jamais seria oferecida pelo Estado, ou pelas classes superiores, uma vez que “seria pueril crer e esperar que o Estado, salvaguardado das altas classes, consentisse, restituindo à coletividade a liberdade de seu ensino, em destruir, ele próprio, seu melhor instrumento de dominação”. (CHAMBAT apud PELLOUTIER, 2006, p. 25-26).

Ainda é preciso distinguir dois conceitos, cujos quais são “educação” e “instrução”, que a priori podem parecer sinônimos, mas que encerram em si particularidades capazes de modificar totalmente o sentido do que se propõe abordar. Estas podem ser observadas nos escritos de RODRIGUES (1999, p. 121-122), onde o autor diferencia os dois termos, mostrando que

Educar não é o mesmo que instruir. A instrução corresponde ao aprendizado de um ofício, atua no desenvolvimento das faculdades intelectuais, enquanto a educação atinge o homem no seu todo. Um analfabeto pode ser bem educado e um homem instruído, possuidor de títulos doutorais, universitários, um estúpido carente de educação, um incapaz diante da vida.

Tendo inconscientemente esta proposição, os operários de Parnaíba apontam como método de emancipação fundamental “difundir a instrução pelos menores aprendizes de artes e ofícios, compreendido em trez ramos, a saber: Leitura, Musica e Desenhos”⁹. No periódico, é acompanhada a preocupação constante dos trabalhadores em relação à instrução deles e de seus filhos, travando um combate direto ao analfabetismo.

O enfoque principal eram as crianças e os operários. Diante das desigualdades sociais presentes na cidade de Parnaíba, os tra-

⁹ ? . Baze para sua fundação. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba. Ano. I, N° 01. 19 de Agosto de 1919. p. 01.

balhadores viviam em um estado de miséria visto nas páginas do jornal. Em um artigo que traça um paralelo dos motivos que acreditam ser os culpados pela situação do operariado moderno, dão uma “solução”, como pode ser visto:

Grande parte dos obstáculos opostos á libertação do operariado moderno decorre de duas couzas principaes: 1º – A ignorancia do proletariado; 2º – A lucta entre religiões, philosophias e cada qual obstruindo, o que seu adversário poz a favor das classes menos favorecidas. (...) Alia-se ás desgraças proprias da ignorância, as que dela decorrem, como o alcoolismo, a indifferença pelos compromissos mais sérios, e veremos que o nosso proletario, não conta com maiores sympathias, por culpa propria. Esta é a verdade, que só poderá ser rebatida com o livro. Os nossos operarios devem pois tomar o compromisso de não mais deixarem os seus filhos analphabetos e elles proprios, tentando instruir-se, subirem do nivel moral em que vivem a outro que os tornem dignos antecessores da Humanidade Futura”. (CASTOR, João. Nota contemporânea. In: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba. Ano. II, N° 06. 24 de Agosto de 1920. p. 03).

São muitos os escritos que tratam da instrução, operária ou infantil, n’O Artista, o que contradiz os escritos sobre História da Educação em Parnaíba que demonstram e dão visibilidade somente a instrução particular, ou os empreendimentos consagrados de determinados indivíduos, que não permite observar estas iniciativas vinda dos operários.

Somente a União Progressista registra a criação de pelo menos quatro escolas, desenvolvidas pelos trabalhadores agremiados na instituição¹⁰, que são notadas ao longo das edições do periódico. A primeira aparição das instituições dá-se já na segunda edição d’O Artista, em um artigo intitulado de “As nossas escolas”, onde descreve

¹⁰ Dentro do recorte temporal já apresentado, 1919 a 1922.

No bairro dos Tucuns desta cidade damos aula noturna nos dias uteis aos menores aprendizes de artes e officios filhos de artistas e de mais creanças que quizerem aprender a ler, escrever, e contar, em casa de residência do Illustrado e competente professor Sr. Rogâncio Britto. A Nossa escola de muzica será aberta até o dia 15 deste mez sob a direção do artista Sr. Manoel Falcão. O nosso Director Gerente Artista João Bezerra Leite presidente da S.U. Progressista está empenhado em obter por aluguel um salão para abertura da aula de noções de dezenhos sob sua direcção, destinada aos menores aprendizes de artes que já souberem ler e escrever.” LEITE, João Bezerra. As nossas escolas. In: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 02. 7 de Setembro de 1919. p. 02.

As aulas de noções de desenhos, ao que tudo indica, é explicitada na edição de número 03, sob o título de “A Escola Noturna 7 de Março”: “Para o ensino de noções de dezenhos, aos aprendizes de artes e officios e artistas que queiram aprender a ler e desenhar. Funciona na sede social da ‘União Progressista’”¹¹. Na edição de número 04, noticia-se que

(...) a Directoria da União Progressista resolveu fundar mais uma escola noturna na séde social, aonde os artistas e seus filhos poderão colher alguns conhecimentos de Portuguez e Arithmetica & & tão necessarios ao homem. O ensino será ministrado gratuitamente. O Corpo docente será composto dos membros da directoria, que para isso foram designados pelo Presidente. Abrir-se-ão as aulas no dia 7 de Janeiro. Para inscripção dos alumnos, os interessados deverão procurar o 2° secretario”. (?). Movimento Social. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 04. 1 de Janeiro de 1920. p. 03).

¹¹ ?. A Escola Noturna 7 de Março. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 03. 5 de Outubro de 1919. p. 02.

Ainda no mesmo artigo, noticiam o fim de uma escola patrocinada pelos operários agremiados na “União Progressista”, e a consequente demissão de seu corpo docente, mostrando que “Foi extinta no dia 30 de Novembro findo a escola mixta do Alto do Cemiterio, em virtude de resolução tomada pela directoria desta sociedade, sendo dimitida do cargo de professora Mariana Bizer-ra Cardoso”¹². Ainda no ano de 1920, os trabalhadores dão conta do recebimento de um espaço doado pelo então prefeito da cidade, Nestor Gomes Vêras, à “União Progressista”, “(...) aonde deverá ser edificado o predio para a séde social e para uma escola que a mesma pretende fundar”¹³.

Dessa forma e através destes artigos, que permeiam as ideias e análises das necessidades educacionais dos operários parnaibanos agremiados na “União Progressista” percebe-se um universo de ações e proposições que infelizmente nunca foram estudadas ou relatadas nas pesquisas e escritos sobre educação em Parnaíba.

Conclusão

Como já descrito anteriormente, O Artista é a única fonte de pesquisa produzida pelo operariado parnaibano encontrada até o momento. Rodrigues (1996, s/p), em seu trabalho de catalogação de jornais operários brasileiros, descreve a existência de mais dois periódicos lançados na cidade de Parnaíba. São eles “A Voz do Trabalhador”, de 1919 e “A Revolta”, de 1920¹⁴. O que nos leva a refletir: As outras organizações operárias possuíam a mesma preocupação? Realizaram elas espaços de instrução do trabalhador e de seus filhos?

¹² ? Movimento Social. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 04. 1 de Janeiro de 1920. p. 03.

¹³ ? OFFERTA. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 03. 24 de Agosto de 1920. p. 01.

¹⁴ Pequena história da História da imprensa social no Brasil. Rio de Janeiro, 1996.

A resposta, infelizmente, mantém-se incógnita, e suscita a necessidade de fontes e pesquisas mais aprofundadas acerca da temática. Quanto às fontes, há um problema que quase impossibilita as pesquisas: É o resguardar de tais fontes nas residências dos filhos e netos de grandes “vultos” da economia e da política parnaibana durante a República Velha; já as pesquisas, apesar das dificuldades apresentadas, timidamente acontecem em todo o Piauí, uma vez que esta realidade se apresenta em boa parte do Estado.

Dentro da teoria anarquista, a História tem a função de dar visibilidade aos oprimidos, aos marginalizados, e não vangloriar e louvar os que detém poder político, social e econômico, ideia esta que é acompanhada pelas reflexões de Rodrigues (1999, p. 169) quando este expõe que “A questão social é a parte mais importante da HISTÓRIA, porque foi o homem humilde o grande produtor (...). E a ausência deste reconhecimento marca o começo e o dia em que o homem colocou sobre os ombros do seu semelhante a obrigação de o sustentar”.

Assim, o trabalho conclui-se na esperança de que sirva para pesquisas posteriores, no campo da História da Educação e mais ainda, dar aos trabalhadores o reconhecimento de suas produções e esforços para melhorar coletivamente a qualidade de vida deles próprios.

Referências bibliográficas

BAKUNIN, Mikhail. **A Instrução Integral**. Disponível em <<http://www.marxists.org/portugues/bakunin/1869/07/31.htm>>. (incluso em 06 de Setembro de 2013). Acessado em 21 de Julho 2014, às 18:55h.

BATALHA, Cláudio. **O Movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

HARDMAN, Foot & CHAMBAT, Grégory. **“INSTRUIR PARA REVOLTAR” – Fernand Pelloutier e a Educação Rumo a uma Pedagogia de Ação Direta**. São Paulo: Faisca Publicações Libertárias, 2006.

LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. **Parnaíba: Educação e Sociedade**. Parnaíba: SIEART, 2007.

RODRIGUES, Edgar. **ABC do Sindicalismo Revolucionário**. Rio de Janeiro: Achiamé Editora, 2009.

_____. **Pequena história da História da imprensa social no Brasil**. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em <http://www.portalgens.com.br/comcom/pequena_historia_da_historia_da_imprensa_social_no_brasil.pdf>. Acessado em 21 de Julho de 2014, às 10:46h.

_____. **Pequeno Dicionário de ideias libertárias**. São Paulo: CC&P Editores, 1999.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.

Jornais

CASTOR, João. **Notas contemporâneas**. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano II, N° 06. 24 de Agosto de 1920.

LEITE, João Bezerra. **As nossas escolas**. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 02. 7 de Setembro de 1919.

M. **ESCOLAS**. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 02. 7 de Setembro de 1919. p. 01.

MERCÚRIO. Agosto de 1919. In.: Jornal O Artista, Orgam Oficial da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba. Ano I, N° 01, 19 de agosto de 1919.

A Escola Noturna 7 de Março. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 03. 5 de Outubro de 1919.

Baze para sua fundação. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba. Ano I, N° 01. 19 de Agosto de 1919.

Movimento Social. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 04. 1 de Janeiro de 1920.

OFFERTA. In.: O Artista, Orgam da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba, Ano I, N° 03. 24 de Agosto de 1920.